

## **A SAÚDE PELAS MÃOS FEMININAS: O TRABALHO DO MMC COM AS PLANTAS MEDICINAIS**

Coordenador: CARLOS SCHMIDT

Autor: Juliane da Costa Furno

O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) é um movimento social surgido na década de 80 o qual nasce da necessidade constante do debate a cerca da condição das mulheres em um contexto de crescentes lutas em torno da pauta da Reforma Agrária. O MMC é fruto de um a história de organização e resistência das mulheres camponesas, articulada ao conjunto das lutas sociais desse período. A composição social desse movimento compreende, basicamente, mulheres que tomaram consciência dos dilemas que a agricultura camponesa enfrentava ao voltar-se para a lógica do mercado, no qual privilegiava-se a produção de insumos para exportação, tais como a soja e o milho, em detrimento da produção de alimentos necessários para a subsistência do núcleo familiar. Nesse sentido, também, o debate em torno da questão de gênero ganha novos contornos, uma vez que as mulheres são as grandes responsáveis pela garantia da soberania alimentar, sendo as mais preocupadas com a reprodução do núcleo familiar e com as tarefas destinadas a produzir o auto consumo. É nesse cenário que as mulheres são as protagonistas na proposição de alternativas camponesas, as quais não devem ser entendidas como uma volta ao passado, mas que insira-se em um modelo de agricultura que garanta o desenvolvimento sustentável e socialmente justo. O MMC, a partir dessa realidade de agricultura de mercado, resgata uma cultura camponesa, ressignificada por um conjunto de elementos contemporâneos, assentados sob uma resistência a esse modelo de desenvolvimento e que, ao mesmo tempo, as coloca a necessidade de traçar novas formas de lidar com o trabalho e com a produção. É nesse contexto que surgem as "Bruxinhas de Deus", grupo de mulheres do MMC que passaram a desenvolver o estudo e a prática de produção de plantas medicinais. Essas mulheres pretendiam resgatar a "mística" camponesa mediante cultivo de um a prática genuína e tradicional. Passaram a produção de fitoterápicos com o intuito de garantirem a sua saúde e a da sua família. O trabalho do NEA insere-se em uma proposta de contribuir para o estreitamento da relação Universidade-Sociedade, através de uma prática de extensão que visa conectar o conhecimento acadêmico com o saber que é sustentado na tradição popular e nas práticas dos grupos sociais. A especificidade desse tema da produção dos fitoterápicos a partir das plantas medicinais nos levou a tentativa de abrir um caminho entre as mulheres camponesas

e a faculdade de farmácia a fim de que esta se responsabilize por catalogar o potencial do princípio ativo das plantas, bem como a extração das essências. Além disso, projeta-se um futuro diálogo com a administração da Universidade a fim de que a estrutura do Parque Tecnológico sirva para contribuir com a promoção de uma pequena indústria de produção de fitoterápicos gestada e administrada pelas mulheres camponesas, contribuindo para cumprir a função social da universidade no que tange a produção de conhecimento que atendam as demandas do povo brasileiro. O Movimento, no entanto, aponta algumas preocupações com essa parceria, prioritariamente a que se refere a "banalização" desse saber e a sua utilização para fins meramente comerciais. Nesse sentido trabalhamos para que a relação entre a universidade e as mulheres camponesas seja de respeito mútuo aos saberes pertencentes a cada espaço e a sua relação dialética de troca de conhecimentos.